

No trabalho eles comiam
 Quando regressavam a casa
 Então juntavam e dormiam

Um dia quando a mulher
 Não ponde almoço levar
 Eles estavam no serviço
 Sem terem o que almoçar
 Assim que deu meio-dia
 Foram todos descansar

Dizia o filho mais velho:
 — Eu queria hoje achar
 Uma sôpa de verdura
 Para esta fome matar
 Um pão de milho com vinho
 Que eu comesse até fartar

O segundo filho disse:
 — Eu agora só queria
 Uma perna de carneiro
 Assim me satisfazia
 Uma sobre-meza de frutas
 Que hoje mais nada eu comia

Disse o mais moço dos 3:
 — Minha cousa desejada
 Era que fosse ao paiz
 Lá da princeza encantada
 Deitar-me no colo dela
 Não desejava mais nada

O velho quando ouviu isso
Exclamou: ehl mal creado
Me faltas com o respeito
Estais hoje insubordinado?
Deu-lhe então com o bastão
Que estava ali encostado

Então o rapaz correu
Pelo mundo a procurar
Um paiz muito distante
Onde o pai não o fosse buscar
Então nas quintas do rei
Foi que ponde se empregar

O rei tinha duas pedras
Na corôa imperial
Perdeu uma e não achou
Outra que fosse igual
Já tinha gasto por isso
Uma soma colossal

Moisaniel éra o nome
Do turbulento rapaz
Já decorriam dois anos
Que tinha deixado os pais
Vivendo em paiz estranho
Em atribulações fatais

O rei tinha um barbeiro
De alma muito infiel
Egoista e ambicioso;

Facinoroso e cruel
Levantou uma calúnia
Ao pobre Moisaniel

Disse a sua magestade
Que Moisaniel dizia
Saber bem aonde tinha
A pedra que o rei queria
Mas não gostava do rei
Por isso não a trazia

O rei o mandou chamar
Lhe disse: vá procurar
Outra pedra igual aquela
Se caso não encontrar
Depois que chegar aqui
Eu lhe mando degolar

Saiu ele muito triste
Por uma dezerta estrada
Sem saber aonde fosse
Ver a pedra dezejada
Fol parar casualmente
Na dita serra encantada

Passou com muito trabalho
A cerca da pedraria
Chegou a margem do rio
Que da montanha descia
Deitou-se ali sobre a relva
Enquanto a lua saía.

Estava pensando na vida
 Quando viu-se aproximar
 Um veado todo branco
 Vir a seus pés se curvar
 Dizendo: minha senhora
 Disse que fosse ceiar

Perguntou ele ao veado:
 Quem é a tua senhora?
 Respondeu-lhe: é prahibido
 Dizer quem é, nem onde mora
 O veado entrou no rio
 Atravessou e foi embora

Ele ahĩ ficou pensando:
 Quem é aquele veado?!
 E que mulher seria essa
 Que mandou-me este recado?
 Depois lhe veio a mente
 Que era o reino encantado

Olhando aquela montanha
 Tão solitaria e deserta
 Via uma furna de pedra
 De boca enorme e aberta
 Ouvia gritar lá dentro:
 —As armas sentinela, alerta!

Ele olhando p'ra furna
 Ouvia uma voz lá dentro
 Que disse: Moisaniel

Vem pernoitar aqui dentro
 Disse ele receioso:
 — Demore que eu já entro!

Surgiu na boca da fumaça
 Um lampeão de cristal
 Adiante outra lampada
 Sobre um mesão de metal
 Escrito em letras de ouro:
 «Gabinete imperial»

Adiante noutra sala
 Tinha uma lampada acesa
 Dez jarros de pedra fina
 Com flores da natureza
 Um quadro onde tinha escrito:
 — «Guarda Deus sua alteza»

Aí uma voz lhe disse:
 — Preste aqui toda atenção
 Que nesta sala sublime
 Tudo aqui tem perfeição;
 Ele viu em madriperola:
 — «Sala para a refeição»

Tinha um mesão de marfim
 Com um rico toalhado
 Uma cadeira de estufa
 Um talher de ouro lavrado
 Com a maior perfeição
 Que já se viu no passado.

Moisaniel olhou tudo
Um só vivente não viu
Quando uma voz feminina
De junto dele saiu
Deu-lhe uma pedra dizendo:
— E' esta a que o rei pediu

Desembrulhou aí mesmo
Um cofrinho de platina
Tinha uma pedra embrulhada
Num lenço de purpurina
Com um cartão, que se lia:
«Princesa da Pedra Fina»

— Moisaníel vá dormir...
A mesma voz lhe dizia
Entrou ele para um quarto
Do maior luxo que havia
Aí sentiu um contacto
De corpo que ali não havia

Ainda viu uma mão
De uma cor alabastina
Uns olhos grandes e vivos
De uma luz diamantina
Viú escrito nos lençores:
«Princesa da Pedra Fina»

Disse-lhe a voz vizível:
— Levanta-te que já é hora
Antes de dar meia noite

Tu ti has de ir embora
 Já mandei ver um onagro
 Que val-te botar lá fora

Não importes o que ouvires
 Nada tens que responder
 Não faças pergunta alguma
 Sob pena de morrer
 Faça o que estou dizendo
 E nada ha de te acontecer

E' prohibido eu te dizer
 O quanto isto aqui é serio
 Apenas digo esta serra
 Já foi soberbo imperio
 Porem inda não é tempo
 De descobrir-se o misterio

Tornou a dizer-lhe a voz:
 Monta-te e deixa esta terra...
 O onagro saiu com ele
 Depois que desceu a serra
 Ouviu zoar meia noite
 E tocar caixa de guerra

Quando o dia amanheceu
 Já ele tinha chegado
 Foi para seus aposentos
 Pousar que estava cansado
 Pois o barbeiro pensava
 Que ele seria degolado

Dormiu até as 10 horas
As 11 se levantou
Deu um passeio pela rua
Foi ao hotel almoçou
Depois disse: vou levar
O que o rei me encomendou

Pediu licença e subiu
Já com a pedra na mão
O rei quando viu a pedra
Cauzou-lhe admiração
Então perguntou ao rei:
— Será esta a pedra ou não?

E' esta, disse-lhe o rei
Estou-lhe muito obrigado
Lá no tesouro já tem
Um dinheiro separado
Vá receber dois milhões
Em paga do seu achado

O barbeiro que estava
Toda conversa escutando
Ouviu o que o rei disse
Saiu em brasas pisando
Dizendo com seus botões:
— Seria bom me enforcando

Então poz-se a estudar
O que devia fazer
Estudou outra calúnia

Que não deixava de ser
O plano mais acertado
P'ra Moisaniel morrer

Como um traçoelro
Um plano muito nefando
Espumando enraivecido
Ele foi logo estudando
P'ra convencer ao rei
Q' o moço estava enganando

Foi a presença do rei
Pedindo a pedra p'ra ver
Examinou-a depois disse:

Vessa alteza pode ter
Certeza de que é bôa
Mandando-o outra trazer

E examinando a pedra
Disse o barbeiro: é bôa
Ficava melhor com outra
Bem no centro da corôa
Só tendo as duas na frente
A cravação fica atôa

Continuou o barbeiro:

Sua real magestade
Obrigue ele ir ver outra
Desta mesma qualidade
Diz ele qu'onde achou esta
Deixou grande quantidade

E tanto iludiu ao rei
Que este mandou chamar
Moisaniel e lhe disse:
— Você tem que arranjar
Outra pedra como esta,
Morrerás se não achar

Moisaniel ficou triste
Sem saber o que fizesse
Tornar a serra encantada
Desse o caso no que desse
Depois dizia consigo:
Quem sabe o q' me acontecel

Se eu não for procural-a
O rei manda me matar
Se eu for a serra encantada
Estou no risco de encontrar
Qualquer fenomeno ali
Que venha me liquidar

Porem minha sorte é esta
Já vê que ha de ser cumprida
Pelo carrasco da morte
Minha sentença foi lida
Me largarei pelo mundo
Buscando a morte ou a vida

Não consultou a ninguem
Por onde devia seguir
Dizia consigo mesmo:

Pelo caminho que seguir
Ainda errado ou certo
Ando até me concluir

Então ahí se largou
Por uma dizerta estrada
A noite deu numa casa
Que estava desabitada
Uma voz lhe perguntou:
— Que vens ver nesta morada?

Disse ele: venho perdido
Não conheço estas estradas
Então uma voz lhe disse:
— Este sitio é de 3 fadas
Aqui existe um enigma
E coizas bem reservadas

Ahí veiu uma mulher
Perguntou-lhe: onde estáis?
Por uma pequena asneira
Tú despresaste teus pais
Andas metido em segredo...
Fortuna não terás mais

Foste tú o cavalheiro
Que foi a serra encantada?
Que recebeu um presente
De uma pedra desejada?
De uma mão invezível
Que ficou apaixonada?

Disse ele: foi eu mesmo
Que recebi um presente
Daquela mão bemfeitora
Que encontrei casualmente
Ela livrou-me da morte
Que me esperava cruelmente

Disse a maldita mulher:
— Faça-se disto esquecido
Aquela mão encantada
Que tanto tem te iludido
Será ela toda origem
Para seres destroido

E lhe disse: venha cá
Veja, não trôe as pisadas...
Entrou com ele num quarto
Mostrou-lhe ali 3 espadas
E lhe disse: isto aqui
São 3 irmãs encantadas

A mulher quiz encanta-lo
Em um animal glutão
Mas não poudo, porque ele
Tinha um sino Salomão
Que não havia esse magico
Que nele possesse a mão

Depois lhe disse a mulher:
— Não prosiga esta jornada
Fique aqui, nós o guardamos

E não lhe faltará nada
Com a condição de você
Não ir a serra encantada

Moisaniel ahí pensou
Depois da fada ir embora:
Não devo ficar aqui
Hei de sair mesmo agora
Me considero perdido
Não devo ter mais demora

Seguiu por um vasto campo
Era um deserto esquesito
Não havia um arvoredó
Que se dissesse: é bonito
Se via lá uma ou outra
Estrela no infinito

Tinha terminado a noite
O dia vinha rompendo
Quando ele achou um leão
Prostado no chão gemendo
Com um tiro de um caçador
A fera estava morrendo

Ele chegou-se ao leão
Deu-lhe agua ele bebeu
Tirou a carne que trazia
Deu a fera ela comeu
Depois buscou uma sombra
Fez um fogo e o aqueceu

Ao cabo de quatro dias
Chegou a serra encantada
Passou a cerca de pedra
Seguiu por uma esplanada
Da comida que trouxera
Não lhe restava mais nada

Chegando a margem do rio
Na campina se deitou
Adormeceu de repente
E com uma joven sonhou
Cuja visão deste sonho
Do letargo despertou

Ele despertando ali
Inda viu uma figura
Como não julgou q' houvesse
Corpo de tanta candura
Perguntou ele a si proprio:
— Quem fez tanta formozura?

Seria Deus a propózito
Que fez aquella deidade!...
Só Deus pode fazer um ente
Com tamanha raridade
Um anjo que pode ter
Vinte e dois anos de idade

Então perguntava ele:
— Quem és tú linda menina?
Humana sei que não és,

Serás miragem divina?
Disse ela: sou a princeza
Do reino da Pedra Fina

Entra para a mesma sala
Onde tivesse outro dia...
Ele passou todas as salas
Que dentro do reino havia
Adiante deu num salão
E a mesma voz lhe dizia:

Te aproxima desta mesa
E faz tua refeição...
Tinha muitas iguarias
De frutas, vinhos e pão
Viu a sombra d'um copeiro
A sua disposição

Disse-lhe a voz invizível:
— Nada deves perguntar
Como também eu a ti
Não posso nada explicar
Tua fortuna está perto
Não custa muito á achar

Toma a pedra que o rei pede
Entrega-lhe e vem embora
Pega um onagro, montas nele
Que irá deixar-te lá fora
Lá pedes licença ao rei
E voltes sem ter demora

Voltou ele com a pedra
 Deu a sua magestade
 E disse: quero licença
 Para deixar a cidade
 Estou pronto p'ra servir-o
 Em qualquer necessidade

E saiu sem ter demora
 Foi ter na casa das fadas
 Elas não estando presente
 Ele roubou as espadas
 Porque uma disse a ele
 Que eram moças encantadas

Assim que ele fez o roubo
 Saiu dali escondido
 Correu a noite e o dia
 Pelas fadas perseguido
 Encontrou-se com o leão
 Que tinha achado ferido

O leão saiu com ele
 Para ninguém ofendel-o
 Uma fada vinha atraz
 Passou e não ponde vel-o
 Porque o leão deitou-se
 E cobriu ele com o pelo

No pé do monte encantado
 Aí o leão ficou
 E pela cerca de pedra
 Com toda pressa passou
 A fada que vinha atraz
 Vendo ele entrar, voltou

Quando ele avistou o rio
As 3 espadas teniram
Rufiou tambor na montanha
Muitos foguetes subiram
O rio parou as aguas
E todas pedras sorriram

Ahi chegaram 3 moças
Que inda vinham encantadas
Ele viu destintamente
Dessas 3 recém-chegadas
Umbras que sahindo
Desmanchou-se as 3 espadas

Se sumindo as 3 espadas
Tres moças se apresentaram
Todas a com cortezia
A ele cumprimentaram
Dizendo: nestas espadas
Tres fadas nos encantaram

Então as moças disseram:
Estamos desencantadas
Porque os nossos misterios
Estavam nestas espadas
Que a mais de 3 mil anos
Estavam em poder das fadas

As fadas tambem levaram
Daqui, o cetro real
A corôa de meu pai
Tambem levaram afinal
Apareça o desencanto
Que cessa aqui todo mal

Mas isto está tão oculto
Que ninguém pode encontrar
As fadas esconderam tudo
Para ninguém mais achar...
Moisaniel disse: eu vou
Fazer gelto de encontrar

Saiu adiante encontrou
A' tribulação de um rato
Que já estava quase morto
Nas presas d'um grande gato
Ele tomou o ratinho
E foi soltal-o no mato

Então o rato lhe disse:
Se precisares de mim
Chega ao pé deste monte
E basta dizeres assim:
— Ai de mim, rato das Neves
Serás servido por fim

Adiante estava um tatú
Entre trez pedras morrendo
Ele tirou as 3 pedras
Que peso estavam fazendo
E lhe disse: vá embora;
O tatú saiu correndo

Depois o tatú parou
E disse: se você cair
Em qualquer tribulação
Vendo que o posso servir
Chame por mim neste campo
Que não tardarei a vir

Depois achou um carneiro
 N'um rio se afogando
 Entrou n'agua e tirou' ele
 E disse: fique pastando
 Eu tambem sou como tú
 Ando no mundo vagando

Então lhe disse o carneiro:
 Se algum dia precisar
 De mim, para qualquer coisa
 Podes vir que has de me achar
 Eu moro aqui neste campo
 Chegando é só me chamar

Estando Moisaniel
 Perto d'uma encruzilhada
 Observou a conversa
 D'um genio com uma fada
 A fada contou ao genio
 Tudo da serra encantada

Disse que o cetro e a corôa
 Estavam em lugar reservado
 Que havia numa cova
 Dentro d'um quarto trancado
 Não havia quem lá entrasse
 Pois era bem vigiado

A cova dos objetos
 Era de enorme fundura
 E as paredes do quarto
 Tinha um metro de grossura
 Tambem tinha um cão de fila
 Sentinela bem segura

Tinha uma cobra de bronze
 Que ajudava a por sentido
 E quem quer que fosse lá
 Era por ela engulido
 O cão entre os animais
 Era sempre o mais temido

Moisaniel ouviu tudo
 Que a fada ao genio dizia
 E disse: Hei de me arriscar
 Até descobrir um dia
 E lembrou-se das promessas
 Que o rato lhe oferecia

Foi ao Rato e ao tatú
 Contou o que era passado
 Foi onde estava o leão
 E lhe disse: Estou veixado
 Então o leão lhe disse:
 — Tem ás ordens um criado

Ahí os trez combinaram
 O tatú o Rato e o leão
 Disse o Rato: Eu puxo o cetro
 O tatú: Eu cavo o chão
 O Leão disse: e eu acabo
 Com a serpente e o cão

Se botaram para lá,
 O leão logo investiu,
 O carneiro foi á porta
 Com uma morada abriu,
 O leão matou o cachorro
 E a serpente fugiu.

O tatú minou a cova
 O cétro rato puchou
 A corda que estava junta
 O tatú a arrastou
 Então de dentro uma voz
 Lhe disse: Desencantou

Começa aqui, meu leitor
 A conclusão dessa historia
 O combate que teve
 Para alcança a vitoria
 Como ele casou com ela
 Por causa de uma memoria

Moisaníel quando viu
 Todos os objetos fóra
 Abraçou todos os bichos
 Lhes dizendo: eu vou embora
 Parece que todo enigma
 Foi desencantado agora

Os bichos se retiraram
 E Monsaniel seguiu
 Adiante encontrou o onagro
 Montou-se nele e saiu
 Chegou na cerca de pedra
 Ahí o monte sorriu

Desembrulhou a corda
 E o scétro que trazia
 Ahí ouviu um estrondo
 E uma voz que dizia:
 Acabou-se todo encanto
 Que aqui neste reino havia

Moisaniel viu então
Se transformar o oiteiro
A montanha era uma praça
O rio era um banheiro
O onagro era um creado
E o veado um jardineiro

Agora vamos tratar
Do resultado que deu
O que o rei disse a ele
Quando tudo recebeu
E como a Moisaníel
Esse rei agradeceu

Quando o rei desencantou-se
Viu Moisaníel que vinha
Sua corôa e seu catro
Moisaníel já os tinha
Aí ficou como um louco
Deu parte logo a rainha

Vieram encontrar com ele
O rei contente e veixado
Moisaníel tirou tudo
E ponde-se ajoelhado
O rei tomou-lhe das mãos
Nem disse: muito obrigo

Depois chegaram 3 moças
Cada uma o abraçou
Disse-lhe ali Angeltrina:
A's tuas ordens estou
Quer meu pai quera quer não
Minha mão de esposa te dou

Chamava-se as 3 moças
Algra, Lupy e Angeltrina
Angeltrina era a mais velha
Parecia ser divina
Era a que tinha direito
Ao reino da Pedra Fina

Então Angeltrina disse:
Se meu pai quizer se opor
Você não saia daqui
Que serel a seu favor
Me casarei com você
Seja de qual forma for

Puchou do seio uma caixa
Onde tinha uma memoria
Deu-a a Moisaniel
Dizendo: eis uma gloria
Enquanto tiveres esta
Podes contar com a vitoria

A memoria era de ouro
Cravada com pedraria
A qualquer hora da noite
Clareava igual ao dia
Depois disse-lhe: essa tem
O que tú não avalia

Angeltrina foi ao rei
Com calma lhe perguntou:
— Meu pai o que dá ao homem
Que o reino desencantou?
— A morte... o rei respondeu
E' o premio que lhe dou

Oh! meu pai, exclamou ela
Isso é muita ingratidão
Moisaniel lutou tanto
E ter tal gratificação
Uma pena tão cruel
Isso é não ter coração!

Meu pai se lembro que disse
Que se pudesse encontrar
Quem desencantasse o reino
Tinha de gratificar
Com uma das suas filhas
Ele havia de casar?

Então exclamou o rei:

Achas que devo casar
Uma das filhas que tenho
Sem primeiro consultar
De quem procede este homem
Se é de sangue ou titular?

Sem saber se sua origem
Provem de sangue real
Hei de casar minha filha
Com pessoa desigual?
Sem ser de linhagem nobre
Fazendo assim óbro mal

Exclamou ela: meu pai
Existe aí um motivo
A destinação d'um monarca
E' só enquanto ele é vive
As cinza d'um soberano
São as mesmas d'um cativo

Disse a rainha: Eu agora
 Preciso entrar neste meio
 Como casa uma princeza
 Sem saber de onde veio
 Esse que a vai desposar?
 P'ra um monarca, isto é feio

Disse Angeltrina: Tambem
 Se o meu pai refletisse,
 Minha mãe como rainha
 O contrato que assumisse
 E' desalroso um monarca
 Tornar d'aquilo que disse

O rei levantou-se e disse:
 - Eu não hei de dispensar
 Se você lhe prometeu
 A mão de esposa lhe dar
 Vá logo pensando n'outro
 Que este eu mando matar

• Angeltrina retirou-se
 Com essa taça de fel
 E mandou rapidamente
 Dizer a Moisaniel
 Que o rei lavrou pra ele
 Uma sentença cruel

Mandou lhe dizer tambem
 Que não largasse a memoria
 Que enquanto tivesse ela
 Teria certa a vitoria
 E não perdesse a esperança
 Que alcançaria esta gloria

Moisaniel consultou
Com a memoria que tinha
E a memoria lhe disse
Como seu carrasco vinha
Deu-lhe uma folha de mato
Uma pedra e uma varinha

Disse a memoria: está folha
Forma uma mata escura
Esta varinha uma cobra
De pele caspenta e dura
E esta pedra um leão
De gigantesca figura

Quando foi no outro dia
O rei viu que era hora
Disse a um general d'ele:
— Chame praça e vá agora
Prender a Moisaniel
E por-lhe a cabeça fora

Moisaniel a esta hora
Ainda estava deitado
Quando ouviu bater na porta
E lhe dizer um soldado:
Moisaniel se levante
Você vai ser degolado

Ele pegando a varinha
Disse: Quero uma serpente
Apresentou-se uma cobra
Grossa monstruosamente
Com sete linguas na boca
E em cada lingua um dente

O general correu logo
Com a força que levou
Chegou sem poder falar
Nem dizer o que encontrou
Quando disse tudo ao rei
Ele em ouviu se assombrou

Disse a outro official
Que levasse um batalhão
Esse foi chegando lá
Anunciou-lhe a prisão
Moisaniel disse a pedra:
Quero de ti um leão

Ahi cresceu um leão
Rugindo com a voz rouca
Deitando fogo dos olhos
E fumaça pela boca
Cada rugido que dava
A tropa ficava môca

Então o official
Tratou logo de correr
Disse a sua magestade:
—Eu nada pude fazer
Pois o homem é encantado
Quem for lá tem de morrer

Disse o rei: agora eu vou
Quero ver este leão
E essa grande serpente
Que causa admiração
Agora ha de se ver
Se ele hoje morre ou não

Seguiu com 110 praças
Quando chegou no jardim
Foi dizendo: Moisaniel
Conheças que vai ter fim;
Moisaniel respondeu-lhe:
— Não há rei que mate a mim

Pegou na folha de mato
E disse: quero um tecido
D'um mato cheio de espinhos
Por todos desconhecido
Que faça qualquer pessoa
Dentro dele ficar perdido

De repente apareceu
Uma mata muito escura
Que dele não sairia
A mais forte creatura
Então o rei disse: agora
Mudou tudo de figura

Logo que o rei se viu
Dentro do mato feixado
Vendo a hora e o instante
De morrer asfixiado
Chamou por Moisaniel
Com écos de assombrado

Moisaniel perguntou-lhe:
O que quer a magestade?
— Quero que você me acuda
Tenha de me piedade
Estou morrendo sem folego
Me ajude por caridade!

Moisanlel então disse:

— Só lhe acudo se me der
A sua filha Angeltrina
Para ser minha mulher
Disse o rei quase morrendo:
— Dou-lhe até as 3 se quizer

D'agora em diante o senhor
Se tenha por genro meu
Moisanlel desmanchou
A mata que appareceu
Casou-se no mesmo dia
Eis o caso em que se deu

Casou-se Moisanlel
Tornou-se um homem feliz
Depois morreu o monarca
A propria rainha quiz
Que ele fosse corôado
Por rei daquele paiz

No dia do casamento
Moisanlel teve um sonho
No qual algum lhe dizia:
De tua sorte eu disponho
Inda has de ter riqueza
Mas contra isto me oponho

Desencantará o rio
Que se mudará em ouro
Mas gosarás pouco tempo
O fructo desse tezoure
Pois teu pai irá sofrer
E recordarás em chôro

O rio era uma mina
Que se mudara em banheiro
Moisaníel acordando
Desencantou-o ligeiro
E entre os rios do mundo
Foi tido como o primeiro

Eu que contei a historia
Não sei quanto eu ganhei
O nome de alcuviteiro
De um amigo eu já levei
Este nome de 11 letras
Que toda vida abusei

Contar grandeza dos outros
Sem coisa alguma ganhar
É fazer guisados ótimos
Dá aos outros sem provar
Cuama-se isso, fazer cama
Para alheios noivos deitar

Feitores, eis a historia
Exata da Pedra Fina...
Angeltrina e Moisaníel
Não desprezaram a sina
Deus a eles protejeu
Riqueza muita rendeu
O desencanto da mina

Fim

Leitura de Ganhar



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).